

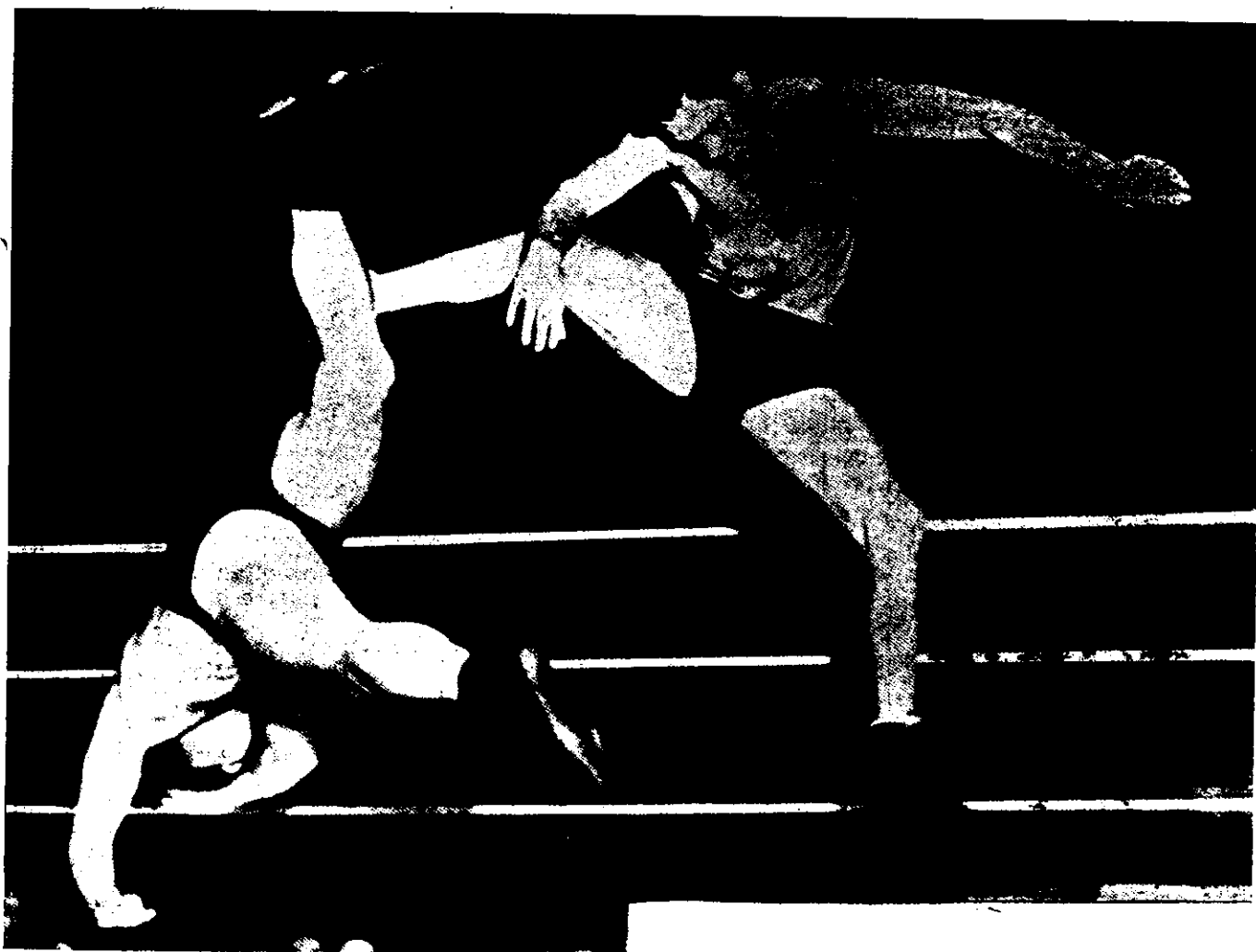
# Vale Tudo...

Pelo Cap. HORACIO SANTOS

A gravura que ilustra esta página dá idéia de uma luta pouco convencional. Quando nomeado instrutor de *ataque e defesa* desta Escola, em substituição ao meu disdinto colega Capitão Bonorino, lembrei-me de lançar a idéia da organização de uma luta com caráter nacional, luta que exprimisse de fato as tendências naturais do nosso

brá-lo, e disso tirando partido afim de reduzir grande parte do seu esforço. Ele não escolhe péso, nem respeita força, seja qual for o adversário. E como foi que o nipônico conseguiu organizar e metodizar este formidável meio de defesa que se chama Jiu-Jit-u? Observando, certamente, as suas tendências naturais.

posição, é ainda entre eles considerado covardia ou deslealdade. No meu tempo de criança, também lutávamos observando estes predicados de nobreza. Nossa luta consistia apenas em derrubar o adversário por meio de *calços*, *desequilíbrio* e *gravatas*. Mesmo a sério, era também considerado covardia agredir o antagonista deitado. E já era



povo, na defesa da sua integridade física, a exemplo de muitos outros que têm organizadas metódicamente suas escolas. Propositadamente, referi-me a tendências naturais, porque todo povo tem as suas. O japonês, por exemplo, luta corpo a corpo, agarrando o adversário pela roupa, para desequili-

O americano e o inglês, desde pequenos, aprendem a lutar tirando o paletó, arregaçando as mangas da canisa, para, em seguida, iniciar a ação a socos. Não passa pela mente do anglo-americano outro meio de defesa que não seja o uso dos punhos. Dar um ponta-pé ou derrubar um adversário, para dominá-lo nesta

meia vitória colocá-lo nesta postura, para se ter o prazer de proferir a frase que nos enchia de orgulho: — “Levante-se para cair de novo” ou — “Não dou em homem deitado!”

Meus caros leitores, que é o *box* moderno, sinão a metodização da luta do garoto anglo-americano, de

acôrdo com as suas tendências naturais? Poderia dizer a mesma coisa do greco-romano, do francês, etc., para reforçar a minha argumentação. Quero, entretanto, encurtar caminho, atacando de frente o nosso caso. Raciocinemos um pouco: quais são as tendências naturais do brasileiro, quando põe em jôgo os seus meios de defesa? Qual a luta mais própria para ser desenvolvida no Brasil? Sei que todos responderão que é a *capoeiragem*, com o que não estou de acôrdo, porque acho que ela está fóra das tendências naturais da nossa gente. E não é difícil defender esta tése. E' apenas uma questão de observação direta. Como é que o brasileiro se defende de uma agressão? Com a *capoeiragem*? Com o *box*? Com o *jiu-jitsu*? Nada disso. O brasileiro se defende como pôde, isto é, empregando o VALE TUDO... No momento, êle não pensa em inglês, nem em japonês, nem em francês. Apenas se lembra por alto que aprendeu (si fôr o caso) o *jiu-jitsu*, o *box*, a *capoeiragem* ou a *luta livre*, etc., mas não se subordina a nenhuma delas. Pelo con-

trário, pensa em *brasileiro*, de acôrdo com as suas tendências naturais, isto é, em misturar tudo à *sua moda*... O homem de colarinho e gravata não se abaixa para dar um "corta capim", uma "cocada" ou um "rabo de arraia", nem tampouco se defende somente a socos ou à moda japonesa. Uma prova de que isto é verdade poderemos ver num exemplo muito recente: a luta de Manoel Fernandes contra o professor de *Jiu-Jitsu*, George Gracie. Quando presenciei esta luta, que foi realizada no Estádio Brasil, convenci-me de que o nosso patricio, a-pesar-de grande competência que possui na arte de *Kantu* e *Conde de Koma*, fez *luta livre* nossa, tão somente por ser brasileiro e ter aplicado, diante do caso concreto, suas tendências naturais.

Mas o *Vale Tudo* não é desportivo — dirão todos. Mas isto é apenas uma questão de regulamentação. Esta regulamentação já a iniciámos na Escola de Educação Física do Exército, excluindo os golpes perigosos de pé e mão nas regiões

baixas, cabeçadas no estômago, rabos de arraia, sócos do regulamento do *box*, e alguma coisa mais.

Os resultados apresentados interessaram sobretudo o nosso meio, tanto docente, como discente. Os aplausos da assistência e a manifestação da Diretoria Técnica deste estabelecimento foram os primeiros sinais da sua aprovação, não só como desporto, mas também como uma luta que mais de perto diz respeito às nossas tendências naturais.

E' preciso não se tomar, entretanto, o VALE TUDO ao pé da letra. O nosso objetivo é apenas focalizar uma expressão, ou melhor, batizar essa luta com um nome que está na boca do povo e que exprime, de uma maneira formal, a representação da nossa defesa pessoal.

O VALE TUDO desportivo não é, portanto, *integral*. E' relativo, como também é relativa a expressão "luta de morte" que não é para matar, mas apenas para significar que a luta deve ser decidida aos pontos, sem combinações.